

CAPÍTULO 19

TORNEI-ME DIRETOR DA UNESP POR UM VOTO DE VANTAGEM

Em 1989 completei dez anos como professor e cientista no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) da Unesp de Rio Preto. Este campus universitário tinha a peculiaridade de oferecer cursos em diferentes áreas: biologia, letras, tradutor, matemática, computação e engenharia de alimentos. Esta magnífica estrutura acadêmica, científica e cultural, entretanto, tinha pouca representatividade na reitoria da Unesp em São Paulo, uma vez que o orçamento do Ibilce ocupava o penúltimo lugar entre as 20 unidades da mesma universidade, ou seja, estava à frente somente do Instituto de Artes do Planalto, que era o menor campus da Unesp.

Algumas atitudes administrativas que ocorriam em nosso campus eram ingênuas, incompetentes e, na maioria das vezes, inoperantes. Aos meus olhos o Ibilce agonizava, apesar de estar numa cidade considerada entre as 50 melhores do Brasil, e diante desse cenário me candidatei ao cargo de diretor. Comecei a preparação para tal embate oito meses antes do processo eletivo, e somente poucas pessoas dos meus círculos familiar e de amizades souberam da minha intenção. Mapeei todos os professores e funcionários que poderiam simpatizar com a minha candidatura, assim como aqueles que se oporiam. Os estudantes, por sua vez, eu teria de ganhá-los nos debates públicos dos “diretoráveis”. Pelas minhas suposições e no melhor cenário eu imaginava ter o apoio de cerca de 30% dos professores, talvez de 30% dos alunos e algo em torno de 80 a 90% dos funcionários. Esta alta relevância entre os funcionários se devia ao meu trabalho junto à comunidade de Rio Preto, que sempre era divulgado em reportagens de jornais, rádios e TVs e isto certamente os sensibilizava, pois trabalhavam numa instituição que aparecia frequentemente nos noticiários em rede nacional por algo positivo.

Fiz perto de mil folders intitulados *Inovar*, que continham as propostas possíveis de serem realizadas num prazo de quatro anos, e os guardei um bom tempo em segredo para divulgá-los no momento que julgasse adequado. Dessa

forma, quando liberei a divulgação do *Inovar* não houve tempo hábil para que os outros candidatos pudessem realizar algo com a mesma qualidade.

Durante esses oito meses que precederam a eleição, diariamente eu caminhava por uma hora pelos diferentes corredores dos prédios, pátios e departamentos, alternadamente, e repetindo o mesmo caminho vinte dias depois. Nessas caminhadas repetidas cumprimentava a todos com discrição e, ao mesmo tempo, me tornava uma pessoa presente em locais antes desconhecidos.

Após um mês de debates e reuniões com alunos, professores e funcionários, ocorreu a disputa eleitoral contra quatro candidatos e eu os venci com 36% do total dos votos. Porém, para ser eleito, seria preciso ter mais que 50% dos votos válidos e, dessa maneira, houve a necessidade de ter o segundo turno, justamente contra o candidato que representava a situação. Agora era tudo ou nada!

Para manter acesa a esperança de vitória eu e meu pequeno grupo de apoiadores promovíamos debates, escrevíamos artigos propositivos em jornais da cidade e redistribuíamos outra vez os panfletos *Inovar* com as mesmas propostas.

Na noite de 5 de junho de 1990, após contagem e recontagem dos votos, e para um universo de quase 3 mil votantes, ganhei a eleição pela diferença equivalente a um único voto de professor, ou a três de funcionários, ou a 16 de alunos, pois as correspondências de valores dos votos eram diferentes entre essas três categorias. É importante destacar que a fórmula que embutia as contagens de votos dessas três categorias foi feita por matemáticos do Ibilce e aprovada pela comissão eleitoral. No dia em que a apresentaram, eu observei que os matemáticos haviam considerado o denominador de cada grupo de votantes com os números totais para professores, funcionários e alunos, independentemente das abstenções. Ou seja, se um desses grupos tivesse grande abstenção, o candidato que obtivesse maior número de votos estaria fatalmente prejudicado. Levantei esta questão, justificando que o correto seria ter no denominador o número de votantes para cada grupo e não o universo total deles, mas os mentores da fórmula disseram que este modelo era infalível.

Por conta do destino, houve um número enorme de abstenção entre os alunos somada ao fato de uma excursão científica com 16 alunos do curso de engenharia de alimentos – fechadíssima com o meu oponente – não chegar a tempo de votar, e eu ganhei a eleição pelo equivalente a 16 votos de alunos!

Foi uma noite apoteótica e a comemoração se deu no Paiol, um tradicional bar e restaurante próximo ao campus da Unesp. Era a primeira vez que uma oposição conseguia se eleger no Ibilce!

Dois dias depois, atendendo a um convite que havia sido agendado meses antes da eleição para diretor, fui ministrar um curso no hemocentro de Manaus. Na manhã do dia 8 de junho, durante o intervalo da aula, fui alertado que três pessoas haviam telefonado de São José do Rio Preto em caráter de urgência. Um desses telefonemas era de minha esposa e os outros dois, de professores da Unesp de Rio Preto. Imaginei coisas terríveis, pois era incomum eu receber telefonemas de casa quando estava em viagens. Ao conversar com Alia, ela me contou que estava em curso uma tentativa de alterar a fórmula previamente aprovada em congregação, colocando no denominador o número de votantes. Dessa forma o outro candidato seria declarado vencedor. No ato eu entrei em contato com um repórter do jornal Diário da Região de Rio Preto para denunciar a violação que estava em andamento na Unesp, e terminei a fala com a seguinte frase:

– Custe o que custar, eu vou tomar posse da direção do Ibilce!

Esta frase foi publicada na primeira página do jornal editado no dia 9 de junho e, na mesma data, consegui chegar em Rio Preto para comandar a resistência. Não fiz muito esforço, pois as principais entidades representativas da cidade, convocadas pelo professor Romildo Sant'Anna¹, enviaram seus representantes que se postaram junto à porta de entrada da sala da congregação. Estavam lá membros da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), da Câmara de Vereadores, do Rotary Club, da Maçonaria, da Associação Comercial, entre outros. Da mesma forma, mais de uma centena de funcionários convocados pelos amigos – e também funcionários – Walter de Oliveira, Daltro Brandão e Edson Pincelli se postaram no saguão principal do Ibilce portando faixas e cartazes de apoio ao diretor eleito. Os componentes da congregação, por sua vez, se assustaram com a presença de pessoas importantes da comunidade e da imprensa. Ao final de uma reunião tensa em que se ouviam berros, socos na mesa, entre outros sons incomuns, este órgão universitário referendou a minha eleição por 20 votos a favor, cinco contra e três abstenções.

Tomei posse no dia 11 de julho de 1990 na reitoria da Unesp e, no dia

seguinte, na Unesp de Rio Preto.

Dias depois escrevi algumas cartas às pessoas que eu tinha especial apreço para lhes dizer que havia sido eleito diretor. O doutor Gunther Hoxter^(Referência 2 do capítulo 5) me respondeu nos seguintes termos:

“Não sei se devo lhe dar parabéns ou pêsames pela eleição ao cargo de diretor do Ibilce, pois é sabido que a carga administrativa costuma afetar a capacidade produtiva do cientista. Espero que você tenha uma gestão feliz sem perder o contato com a pesquisa, e torço para que nós não percamos mais uma vez um competente cientista e ganhemos um político inútil. Forte abraço de Gunther Hoxter. São Paulo, 08 de julho de 1990.

É muito difícil escrever o que foi a minha administração. No mês de outubro daquele ano vitorioso recebi um baque violento! Eu e o doutor Ivan^(Referência 5 do capítulo 17) fizemos o diagnóstico em minha mãe da terrível doença conhecida por mieloma múltiplo. Esta doença era mortal naquela época e havia poucos recursos terapêuticos disponíveis. De tal forma que foi muito difícil conciliar administração, pesquisa, reuniões e demais compromissos com a atenção e a preocupação com a doença de minha mãe, justamente ela que ao compartilhar meus bons e maus momentos me dava a benção que somente as mães sabem fazer. Após sofrimentos atrozes, ela faleceu em junho de 1992. Portanto, nos dois primeiros anos como diretor houve momentos de angústia entremeados com os de alegria. Por essas razões, e pela emoção que tudo isso ainda me envolve, peço licença ao leitor para usar o texto extraído da carta aberta à comunidade escrita pelo nobre professor Rogério E. Chociay², que descreveu como foram os dois anos iniciais da minha direção na Unesp de Rio Preto entre 1990 e 1992:

– Talvez o senhor, com as ocupações e preocupações naturais do cargo que ocupa, tenha até esquecido que no próximo dia 11 de julho de 1992 completará a metade do seu mandato. Eu, não! Não me esqueci do dia em que, em dois ônibus (fato inédito na história do Ibilce), fomos à reitoria da Unesp, em São Paulo, acompanhar a sua posse, num clima festivo, mas ainda tenso, em função dos acontecimentos que a precederam. Nunca poderei esquecer. Tomamos de assalto o salão da posse, surpreendendo ou até assustando os funcionários da reitoria, que disseram

nunca ter visto uma posse de diretor de unidade da Unesp tão concorrida, com tanta gente aplaudindo.

Aquela concorrência de pessoas em sua posse tinha um significado simbólico: era a vitória de uma oposição que reeditara a façanha de Davi contra Golias, que sofrera perseguições durante toda a campanha e, finalmente, depois de vencer o primeiro e o segundo turnos, ainda tivera de impedir uma espúria e mesquinha tentativa de anulação da eleição. Lembro-me muito bem disso tudo. Mas muita gente parece ter esquecido que, durante um dos debates entre os candidatos àquela eleição, uma parte da parede externa do Ibilce (ala esquerda do pátio interno) se desprendera, caindo sobre a calçada (poderia ter matado alguém). Este foi outro fato com caráter de símbolo: o Ibilce se desmanchando enquanto se discutia a sucessão do diretor! Só que o símbolo, no caso, não era tão simbólico assim. Quando o senhor assumiu e fez um primeiro levantamento do estado do edifício, verificou que havia problemas graves e que alguns pontos estavam realmente afundando! Rachaduras feias nas paredes e penetração de umidade revelavam problemas que há muito deveriam ter sido atacados... e o pior era que na própria solenidade da posse o reitor lembrara: a Unesp atravessava crise financeira e a verba seria a menor de todos os tempos.

Uma das primeiras iniciativas do senhor foi a de, com um pouco de areia e cimento e muitíssima visão, criar a Pracinha do pátio interno. As pessoas estranharam. Houve vozes indignadas até mesmo na congregação que o questionaram, afirmando que, em vez de arrancar as roseiras e gastar aquela pouca areia e aquele pouco cimento, deveria ter comprado livros (curiosa reivindicação que as mesmas pessoas não haviam feito nos meses e anos imediatamente anteriores!). A Pracinha, no entanto, transformou um espaço morto, em que as pessoas apenas transitavam, num espaço cultural, cheio de vida, onde começaram a ocorrer encontros, apresentações de conjuntos musicais, entardeceres culturais, sessões de cinema e vídeo, comemorações e festas. Quem terá a coragem de pedir, hoje, que acabem com a Pracinha?

Também na primeira semana de sua administração a Oficina de Tradução podia finalmente instalar-se numa sala que o senhor, como num passe de mágica, conseguira. Por que fora tão difícil antes e agora era tão fácil?

Não demorou muito e o senhor atendia aos pedidos que, desde 1978, eram

feitos às direções anteriores: a creche. Muita gente, na ocasião, tentou profetizar: não vai dar certo! Esse diretor é muito otimista! E deu muito certo. A reivindicação que ao longo dos anos houvera sido declarada repetidas vezes “impossível de ser atendida” se realizava em alguns meses de mandato do Naoum. De que modo? Um pouco de boa vontade daqui, uma doação dali, um esforço acolá, mas principalmente, uma conjugação de esforços de diretor e comunidade. Será que alguém hoje duvida que a creche esteja ali e funcione? Na ocasião, todavia, houve vozes que replicaram: melhor que gastar dinheiro em creches era comprar livros!...

Logo o novo diretor atacava os problemas estruturais do prédio: fazia reforços nas fundações, reformava as instalações do auditório, criava salas de vídeo e projeções, instalava antena parabólica para uso das disciplinas de língua estrangeira e do curso de tradutor, reformava vestiários... Mas ainda havia quem reclamasse: para que sala de vídeo? E para que antena parabólica? O que é que a universidade tinha a ver na TV estrangeira? Melhor era comprar livros.

Decepcionado com o estado do prédio, o novo diretor obteve verba para a recuperação das paredes e para a pintura global interna e externa. O prédio ganhava nova fisionomia. Mas houve quem, não podendo encontrar defeito na iniciativa de consertar parede e pintá-las, reclamasse da cor... Na época da pintura, aliás, ouviram-se vozes que diziam: em vez de pintar o prédio era melhor consertar o asfalto, que virou calamidade (ninguém falava que os buracos já tinham feito muitos aniversários!). Antes que tivessem tempo de repetir a queixa, a nova direção obtinha verbas e fazia o novo asfalto. Houve então quem murmurasse: para que asfalto? Era melhor construir salas de aula!

Daí para frente perdi a conta do que o senhor foi realizando: a reforma do biotério, que estava literalmente desmanchando e servia mais como moradia de pombos do que local de estudo; a construção dos tanques de piscicultura com água captada de poço artesiano; construção de novos laboratórios de pesquisas; a reforma de muitas instalações; os gabinetes de leitura da biblioteca; a construção do restaurante universitário (RU). A construção do restaurante, aliás, trouxe ao senhor e às pessoas lúcidas desta casa muitos ensinamentos: aprendemos mais sobre a comunidade da Unesp de Rio Preto durante a construção do RU do que em quinze anos de trabalho contínuo na casa. Para variar, não faltou quem dissesse: para que restaurante universitário? É melhor comprar livros!

Passarei de passagem sobre a nova moradia estudantil, porque esta é simplesmente a obra da reitoria, parte de um plano que visa dotar todas as unidades desse instrumento que possibilita a alunos carentes fazer seu curso universitário. Sério e competente como o senhor é, tenho certeza de que não gostaria de vender a falsa imagem de construtor de uma obra do reitor. Ao contrário, o senhor fez questão de lembrar esse fato e agradecer ao reitor pela moradia estudantil.

Recentemente, o senhor começou a construir uma piscina com dinheiro arrecadado na venda de xerox. E não faltaram vozes condenando tal iniciativa (sugeriram, com muita originalidade, que era melhor construir novas salas de aulas ou, para variar, comprar livros!). Lembro, no entanto, que gerações e gerações de alunos que passaram pela Unesp de Rio Preto têm reclamado da falta de uma piscina para lazer e exercício. A própria associação dos docentes da Unesp (ADU-NESP) empolgada pelo seu dinamismo resolveu economizar durante dois anos e começar a construção da sede própria, que aliás já está quase terminada. Os bons exemplos prosperam!

Não deixou o senhor, contudo, de pensar em uma construção também muitíssimo importante: a construção da imagem do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) perante a comunidade rio-pretense. Nos quinze anos que trabalho nesta casa, pude observar que, apesar de uma ou outra tentativa bem intencionada, muito pouco se havia feito para resgatar a imagem do Ibilce ante a comunidade de Rio Preto e região. Posso dizer, mesmo, que, sob muitos aspectos, o Ibilce era solenemente ignorado pela comunidade, não por arrogância desta, mas por negligência nossa, que não éramos capazes de comunicação eficiente, e de fazer com que a comunidade nos compreendesse e aceitasse. Seu esforço, neste sentido, foi enorme. A criação do Setor de Relações Externas foi uma ideia excelente. Hoje o Ibilce é notícia diária nos jornais da região, frequenta assiduamente as televisões, participa ativamente dos eventos externos. Os próprios docentes se veem envolvidos nesse dinamismo, pois estão colaborando como nunca com artigos e mais artigos para os jornais locais. Não era exatamente assim antigamente. Como parte desse processo, o senhor mesmo tem sido constantemente solicitado a participar de numerosos eventos da comunidade rio-pretense. E o faz com competência e dignidade, inclusive de encontros de natureza política como representante da própria cidade e comunidade.

Desculpe-me, senhor diretor. Estou começando a cansar. Lembro agora que, por sugestão de alguns professores e por intensa atividade sua, o Ibilce recebeu do governo do estado de São Paulo a doação de 15 alqueires do Instituto Penal Agrícola (IPA), com a promessa de outros 15 para breve feita pelo próprio prefeito municipal (sou testemunha dessa promessa), um novo espaço que será destinado à instalação de um parque tecnológico. No bojo dessas doações a própria área de floresta a ser preservada poderá ficar sob a guarda do Ibilce, o que constituirá mais uma vitória sua.

Teria muitos mais fatos a alinhar. Deixo essa tarefa para o senhor e sua assessoria, com um conselho: deixe de ser modesto. A modéstia é uma virtude, em dose adequada; mas se torna perigosa quando em excesso, porque permite a pessoas mal-intencionadas explorar pequenos defeitos, pequenas falhas, como grandes erros administrativos. Há pessoas no campus que o criticam por ter feito tantas obras em vez de comprar livros! Há outras que detestam a cor da pintura da ala interna! Há outras que o criticam ferinamente porque o senhor acabou com o festival de chamadas interurbanas e diárias de viagens! Há outras que o acusam como responsável pela fumaça dos cigarros e cachimbos, pelas risadas de docentes, alunos e funcionários, pelo excessivo canto dos pássaros, pelo chirriar das cigarras! Há outras enfim que o acusam de ser um excelente diretor, porque esse desempenho simplesmente não estava e nem está no “script” com que o haviam pintado e continuam pintando. Afinal, um candidato opositor nunca poderia ser um bom diretor! Ao contrário, deveria ser um ditador, deveria tentar acabar com nossos melhores cursos, deveria ser dirigido como androide por uma junta diretiva, deveria, enfim, ser um monstro aterrorizador de funcionários e devorador de alunos e alunas...

Permita-me encerrar esta carta sublinhando o que considero a sua mais importante contribuição para nossa vida acadêmica: a atitude democrática e franca. A partir do momento em que o senhor tomou posse, o Ibilce respirou, finalmente, um novo ar. Enterrava-se o velho clima, herança da ditadura, em que funcionários temiam punições; em que docentes podiam “levar pitos” por opiniões manifestadas em assembleias de classe; em que fazer parte do grupo perdedor de eleições significava sofrer permanente gelo e boicote. Logo ao assumir, o senhor passou a atender a todos, a ser o diretor de todos, a apoiar todo e qualquer bom projeto,

toda e qualquer boa iniciativa que lhe fosse trazida, sem olhar para a cara política de quem a trazia. Aumenta a cada dia o número de pessoas no Ibilce que podem comprovar essa sua atitude digna e democrática. Do mesmo modo, as próprias críticas que o senhor tem recebido, oralmente ou por escrito, em cartas que lhe são encaminhadas ou fixadas em cartazes, assinadas ou anônimas, todas têm sido tratadas pelo senhor com dignidade e respeito ao direito de opinião. Sei que pensa, como eu, encantadoras e poéticas as críticas que lhe fazem em cartazes fixados pelo Ibilce, e que a única coisa que o ofende nelas é o fato de não virem assinadas. Democrático como é, o senhor não admite que o temam, que pensem que o senhor seria capaz de ameaçar os autores de processo ou punição. A propósito, não me recordo, nestes dois anos, de ter visto o senhor ameaçando docentes ou funcionários ou alunos por críticas recebidas, tenham sido estas procedentes ou não, respeitosas ou não. E louvo essa atitude, que é exemplar para a verdadeira democracia, que começa pelo respeito à livre opinião, mesmo quando esta nos pareça absurda ou diametralmente oposta à nossa. E mais, louvo sua atitude porque eu mesmo, em anos anteriores, fui ameaçado de processo por escrever poesia!

Por tudo isso, senhor diretor, aceite meus cumprimentos. Declaro-lhe, com segurança, que não perdi meu tempo quando o apoiei na campanha, nem quando depus meu voto na urna. Sei que cometeu alguns erros nestes dois anos, e algumas vezes eu mesmo os aponte. Sei que errará outras vezes, mas sei também que, se continuar no ritmo em que se encontra, deixará, ao fim de quatro anos, um Ibilce como nunca vimos antes, uma instituição universitária de fato, onde se pense grande, longe e alto, e, principalmente, onde a mesquinhez, a politicagem e a hipocrisia sejam apenas uma apagada nódoa de um passado que não vale a pena lembrar.

Atenciosamente

Prof. Dr. Rogério E. Chociay

PS. Desculpe-me por ter esquecido de mencionar que os livros tão solicitados por alguns de seus críticos finalmente chegaram. E brevemente chegarão mais!

Os dois anos seguintes não foram muito diferentes do relato feito pelo Rogério, mas, com maior vivência administrativa, passei a tomar decisões que

mudariam por completo o ambiente arrogante comum das universidades. Primeiramente troquei a secretária da diretoria, uma senhora educada e gentil que constantemente era insultada por alguns poucos professores e alunos mal educados. Optei por escolher uma secretária pragmática, com formação técnica na função e sem medo de partir para o confronto, mesmo com aquelas pessoas carregadas de títulos. A secretária Yone Sass³ deu tranquilidade à antessala da diretoria, colocando a devida ordem na agenda de trabalho. Outra alteração foi a obediência às regras do regimento interno da faculdade que previa, entre outras determinações, que o tempo de duração para qualquer reunião não ultrapassasse mais de três horas e meia. Dessa maneira, reuniões da congregação que em anos anteriores chegavam a durar oito horas, com discursos infundáveis e apartes inconsistentes, tornaram-se ágeis e proativas. Mudanças de atitudes que se configuravam como desrespeitosas, como eram os casos de sessões públicas promovidas pela direção da faculdade, e que chegavam atrasar seus inícios em uma hora ou até mais, passaram a obedecer rigorosamente o horário previsto. Um breve relato dessa simples mudança ocorreu na primeira sessão de formatura dos alunos que presidi em janeiro de 1991:

O convite para a colação de grau dos graduandos em matemática, letras, tradução, ciências biológicas e ciências da computação (engenharia de alimentos ainda estava em seu terceiro ano) tinha o horário de seu início: 20 horas. No ensaio que se faz dias antes da colação de grau eu alertei que a referida sessão solene de colação de grau começaria no horário previsto e que discursos de alunos de cada curso e de seus respectivos paraninfos não poderiam exceder cinco minutos. Portanto, o tempo total daquela sessão não ultrapassaria uma hora e meia. E assim aconteceu! Muitos alunos e professores que estavam atrasados chegaram esbaforidos quando a sessão de colação já estava terminando. Nos anos seguintes ninguém mais se atrasou para o evento de colação e fomos muito elogiados pelos convidados por diminuir o tempo torturante que se dispense num ambiente nem sempre cômodo e calorento (na época os salões de formaturas não dispunham de ar condicionado).

Para o arrepio dos professores conservadores, passei a homenagear todos

os professores e funcionários que se aposentavam em sessões públicas realizadas em nosso auditório principal. A homenagem era simples, mas significativa, com agradecimento da direção e vice-direção⁴ aos serviços prestados, entrega de um certificado simbólico, fotos do evento e palavra livre aos homenageados que se dispusessem a fazer um breve discurso. Pela primeira vez, por exemplo, uma senhora de serviços gerais que havia cuidado da limpeza da faculdade por 35 anos subiria ao palco do auditório – o mesmo que ela limpou com esmero por anos a fio – e, agora, seria ela a homenageada.

Para moralizar o ambiente universitário, que por várias vezes em gestões anteriores tornou-se alvo de ocorrências policiais, foram proibidas festas de estudantes dentro do campus da Unesp. Na sequência, permiti que fossem instauradas investigações contra fornecedores de drogas ilícitas para estudantes dentro do campus universitário. Os pais vieram nos agradecer!

Semanalmente convidava grupos de funcionários, professores e alunos para um pequeno café na diretoria, e nesse ambiente descontraído procurava meios para resolver questões específicas dessas categorias.

O ambiente universitário realmente mudou e é muito possível que toda essa interação tenha sido a causa de os cursos de letras, matemática e ciências biológicas estarem classificados entre os três melhores no Brasil, conforme o Guia do Estudante de 1993.

A aproximação do campus da Unesp com a comunidade de Rio Preto foi incrivelmente facilitada quando criei a “assessoria de imprensa” comandada por uma funcionária muito astuta, a Rosemar Rosa de Carvalho Brena. Essa assessora vasculhava todos os departamentos e laboratórios em busca de notícias de pesquisas de interesse público, eventos científicos e culturais promovidos pelo Ibilce, prêmios obtidos por professores e alunos em congressos, e divulgava semanalmente para todos os jornais e emissoras de rádio e TV da cidade. Por conta dessa forma de interação registramos, a partir de 1992 e até o final da minha gestão, a incrível média mensal de 120 publicações de artigos, notícias e notas em jornais da cidade e aqueles de grande circulação, além de reportagens em emissoras de TV e rádio.

Ao entregar o cargo de diretor para o meu sucessor, o competente e íntegro professor Wilson Tadini⁵, o Ibilce era uma instituição com prestígio em nossa

cidade e em outras regiões do Brasil, conforme podia ser observado na proveniência dos alunos de nossos cursos de graduação e pós-graduação. Este prestígio também teve impacto na reitoria, pois em 1993 o nosso instituto passou a ser o segundo campus a receber mais investimentos financeiros, ficando atrás apenas do gigantesco campus da Unesp de Botucatu.

Os nossos esforços para dar destaque cultural ao Ibilce foram realçados por dois eventos que marcaram aquele período de gestão, conforme relato a seguir:

As reuniões do conselho universitário ocorriam mensalmente na reitoria da Unesp e delas participavam os diretores de suas 20 unidades. Boa parte deles chegava no dia anterior à reunião e se dirigia à reitoria para tratar de problemas específicos de suas administrações. As mesas das antessalas do reitor e pró-reitores eram repletas de folders com várias programações de congressos científicos, peças de teatro, informações do governo do estado, etc. No entanto, a maioria dos frequentadores ficava conversando sobre diversos assuntos e dificilmente apreciava os folders. Eu sempre fui um devorador de folders e tive a sorte de pegar dois deles com o logo da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Num deles, a secretaria oferecia gratuitamente a presença de atores e atrizes de renome para debaterem publicamente com a comunidade acadêmica a situação do teatro brasileiro. O outro folder, referente à criação da nota fiscal paulista, prometia levar cantores conhecidos para uma noite de show no campus. Ao chegar em Rio Preto, fiz ofícios endereçados à Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo manifestando o interesse da Unesp de Rio Preto nas promoções oferecidas. Passados alguns dias, recebemos da referida secretaria a primeira comunicação nos informando que os atores que iam debater o teatro brasileiro no auditório do Ibilce eram Cacá Diegues⁶, José Wilker⁷, Arnaldo Jabor⁸ e a atriz Norma Bengell⁹. Ainda impressionado com esta notícia, abri o outro envelope que informava que os cantores Sergio Reis¹⁰ e Alceu Valença¹¹ poderiam se apresentar no mês de agosto de 1993.

Em abril de 1992 o auditório com capacidade para 200 pessoas ficou superlotado para a apresentação dos famosos atores e atriz. E em agosto de 1993, cerca de 10 mil pessoas assistiram ao show dos cantores em nosso campo de futebol.

Ao finalizar o período como diretor do Ibilce, enviei um breve relatório do

que foi feito nos quatro anos de gestão administrativa na Unesp de Rio Preto à reitoria, à prefeitura e à câmara de vereadores da cidade, e às mesmas pessoas que no início da minha gestão foram comunicadas sobre a minha eleição a diretor.

A carta que recebi do professor Gunther Hoxter, que quatro anos antes havia colocado em dúvida o meu futuro de pesquisador por ter assumido o cargo de diretor, eu a tenho como um presente inestimável:

Prezado Naoum: Como deve lembrar, fiquei com receio quando me avisou da sua ascensão ao elevado cargo administrativo. Meu medo de que a comunidade brasileira ia perder a colaboração de um cientista que talvez teria que abandonar as suas pesquisas tão necessárias ao desenvolvimento das ciências da saúde em nosso meio foi motivado por minha própria incapacidade de assumir cargos administrativos. Agora percebo com alegria que meus receios foram infundados e que você superou as expectativas, dando um exemplo de atividade criadora e apresentando resultados que devem causar inveja a outros administradores. Enquanto o nosso Brasil, que se tornou minha pátria adotiva, ainda tiver pessoas como você, podemos ter o orgulho de predizer um futuro auspicioso para os nossos filhos e netos. Forte abraço de Gunther Hoxter. São Paulo, 08 de julho de 1994.

Ao término do meu período de direção decidi voltar às pesquisas e ao atendimento de convites para cursos e palestras de minha especialidade. Constatei que havia perdido espaço em eventos científicos nacionais e internacionais e, para retomá-lo, tive a ideia de escrever um novo livro intitulado Hemoglobopatias e Talassemias, publicado em 1996.

E foi dessa maneira que voltei ao ambiente em que sempre me dei bem: a pesquisa e a divulgação científica.

Glossário deste capítulo

¹ Romildo Sant'Anna: professor doutor em literatura comparada e professor livre docente pela Unesp. Pesquisador e especialista em história da arte e cultura popular brasileira. Foi diretor-fundador do Museu de Arte Primitivista de São José do Rio Preto, e foi laureado com os prêmios Estímulo (Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo) e Casa das Américas (Cuba). Teve grande influência

na minha candidatura e na vitória da eleição para diretor do Ibilce.

² Rogério Elpídio Chociay: professor doutor em linguística e língua portuguesa pela Unesp. Pesquisador e especialista em teoria literária. Instituiu a “Porta livre”, ou seja, permitia que estudantes, professores e funcionários pudessem expor na face externa da porta de seu gabinete de estudo poemas, artigos, críticas, sugestões, entre outras formas de divulgação em época de opressão. Teve grande influência na minha candidatura e na vitória da eleição para diretor do Ibilce.

³ Yone Sass: secretária da diretoria do Ibilce, Unesp de Rio Preto, no período de 1992 a 1994. Antes havia sido secretária do departamento de biologia, o mesmo do autor deste livro. Ao se aposentar na Unesp foi convidada a comandar a secretaria da Academia de Ciência e Tecnologia desde sua fundação, em agosto de 1999.

⁴ Vice-direção: durante minha gestão de diretor do Ibilce eu tive dois vice-diretores, o professor doutor Samir Felício Barcha (1990-1992), biólogo especializado em geologia e meio ambiente, e o professor doutor Laerte Miola (1992-1994), bioquímico especializado em emulsões. Ambos foram excelentes profissionais em suas áreas e competentes na função de vice-diretores.

⁵ Wilson Maurício Tadini: professor doutor em matemática pela Unesp de Rio Preto. Foi diretor do Ibilce no período de 1994 a 1998. Brillante pesquisador em determinação finita e escala de Boardman.

⁶ Cacá (Carlos José) Diegues: cineasta e um dos fundadores do cinema novo do Brasil. Imortal pela Academia Brasileira de Letras, conta em sua filmografia com mais de 40 filmes, com destaque para “Tieta do Agreste” e “Xica da Silva”.

⁷ José Wilker: ator e diretor de cinema. Famoso por sua participação no filme “Dona Flor e Seus Dois Maridos”, além de atuar em várias telenovelas e peças de teatro.

⁸ Arnaldo Jabor: escritor, jornalista e diretor de cinema, com destaque para o filme “Toda Nudez Será Castigada”.

⁹ Norma Bengell: atriz, cineasta, produtora e compositora. Entre seus sucessos, destaca-se sua participação no filme “O Pagador de Promessas”.

¹⁰ Sérgio Reis: cantor, compositor sertanejo, ator e político. Sua atuação como ator é destacada no filme “O Menino da Porteira”, e entre seus vários álbuns musicais sobressaem as músicas “João de Barro” e “Panela Velha”.

¹¹ Alceu Valença: graduado em direito, é ator, cantor, compositor e instrumentista musical. Entre as músicas de sucesso destacam-se “Anunciação” e “Morena Tropicana”.